

A série **Gente do MOC** é um espaço especial que conta as histórias de pessoas que dedicam sua vida ao MOC e à sua missão. Aqui, retratamos os caminhos daqueles que acreditam num semi-árido justo e solidário, caminhos que se assemelham com os grupos que acompanhamos. Nessa edição vamos conhecer mais sobre a história de Everaldo Leite das Virgens, que há 18 anos trabalha na entidade.

O MOC em rede

Entre documentos, papéis, computadores, um emaranhado de fios, surgem mãos rápidas, olhos atentos e uma tranquilidade meio tímida. É assim a rotina diária do trabalho de Everaldo Leite das Virgens, o Lando, como é conhecido por todos.

Nascido em Feira de Santana, sua história com o Movimento de Organização Comunitária (MOC) começou cedo, quando ainda era um jovem de 16 anos, cheio de sonhos, dúvidas e desejos. Era novembro de 1990, quando soube através de sua irmã Dinalva que já trabalhava no MOC, que estava aberta seleção para uma vaga de auxiliar administrativo.

Lando não exitou e tratou logo de se candidatar para a seleção. Lembra que concorreu com cerca de dez candidatas e que foi avaliado por uma prova sobre questionamentos bancários, financeiros, que exigia também a escrita de um ofício.

A resposta não demorou, e depois de alguns dias ele foi comunicado sobre a sua aprovação. Estava ansioso para ocupar a vaga, afinal era o seu primeiro emprego.

Foi contratado com tudo dentro das normas, carteira de trabalho, e até conta bancária, uma verdadeira exceção, já que naquela época só maiores de idade poderiam contar com este benefício. Era o começo para um jovem trabalhador, que dava o seu primeiro passo para uma carreira profissional cheia de etapas e expectativas.

Inicialmente se ocupava com a prestação de serviços bancários e manutenção da máquina de cópias, além do trabalho com o antigo mimeógrafo a óleo. Uma saudade que ele deixa escapar através de um sorriso nervoso, às vezes acanhado.

Conhecendo sobre o trabalho do MOC - Com a demanda dos projetos do MOC, não demorou e passou a ajudar na prestação de contas. Trabalhando em parceria com Ismael Ferreira, foi aprendendo sobre a atividade de prestar contas junto com as financiadoras e sobre a importância do serviço para a sustentabilidade da instituição. Foi possível conhecer de perto os programas, as atividades desenvolvidas e os grupos que eram assessorados.

Com a saída de Ismael, continuou com o exercício da prestação de contas, além dos serviços de banco, começando a enveredar pelos caminhos da informática. Naquele momento o MOC contava apenas com dois computadores que eram utilizados basicamente para serviços de digitação. Tudo muito restrito e de acesso difícil.

Diante dessas necessidades, Lando sentiu que era a oportunidade de explorar mais sobre essa área, e contribuir para a modernização dos programas e arquivos da instituição. Fez muitos cursos de informática e foi implantando aos poucos novos computadores, sistemas e novas redes de informática. "Naidison sempre esteve muito aberto às mudanças, acertou as decisões para melhorias

na área de informática da melhor maneira possível", afirma.

Com o passar do tempo, foi conquistando o seu lugar na entidade e construindo amizades como as que mantém com Gilvan e Luis. Companheiros de longa data, que também têm participação na sua história e na sua formação. Especialmente Gilvan, com quem já dividiu muitas conversas e alguns momentos de descontração, como várias histórias e a cervejinha depois do expediente.

Uma trajetória de muito trabalho e conquistas - São 18 anos de caminhada e aquele garoto, hoje é um homem feito, marido, pai, chefe de família. Um crescimento pessoal e profissional incalculável. "A vida mudou muito, tive oportunidade de crescer, de amadurecer. Hoje o que sou, foi construído aqui no MOC, é fruto da convivência e do trabalho com pessoas sérias e honestas", avalia.

Atualmente, estudante do curso de Gerenciamento em Redes, procura sempre estar antenado com as novidades do mercado e com as novas tecnologias. Considerando-se um desbravador, procura conhecer de tudo um pouco, inclusive nas suas horas vagas, que aproveita para navegar na Internet e conhecer um pouco mais sobre redes de computadores. "Quando estou em casa gosto de estudar, conhecer sobre novas redes. Aprender sobre sua estrutura, e como não deixar nada parar", conclui.

Para o futuro, seu desejo é contribuir através de seus conhecimentos para o desenvolvimento do MOC. Sempre com muita responsabilidade continuar trabalhando como suporte técnico de informática e na prestação de contas. Embora, reservado entre números, fios e documentos, tem um papel crucial na vitalidade dos projetos, na esperança e garantia de melhores condições de vida para as pessoas do semi-árido.

Nome: Everaldo Leite das Virgens
Data de nascimento: 08 de fevereiro 1974
Naturalidade: Feira de Santana
Profissão: Técnico Administrativo
Estado civil: casado
Ano de entrada no MOC: 1990



Bocapiu

Contando experiências por um sertão justo

12º B - Ano 03 - Novembro de 2008



Uma receita de sucesso

Solidariedade, união, força, perseverança. Estes são alguns dos ingredientes necessários para o sucesso dos grupos de produção filiados à Rede de Produtoras da Bahia e que ajudaram a dar um novo rumo à vida de mulheres trabalhadoras rurais.

Expediente . Realização: Movimento de Organização Comunitária - MOC **Coordenação:** Programa de Comunicação do MOC: Aduato Sampaio, Daiane Almeida, Klaus Minhuber, Lorena Amorim, Nayara Cunha, Rachel Pinto e Roberta Rastl-Kircher. **Reportagem:** Lorena Amorim e Rachel Pinto **Fotos:** Programa de Comunicação **Diagramação e Design:** Karime Salomão **Fale conosco:** MOC - Movimento de Organização Comunitária. Rua Pontal 61, Cruzeiro, Feira de Santana - Bahia. CEP 44.017-170. Tel.(75) 3322.4444 fax: (75) 3322.4401, e-mail: comunica@moc.org.br site: www.moc.org.br



Prezado/a leitor/a,

Esta edição do Bocapiu traz até você encantadoras histórias vividas e marcadas por muita luta, sonhos e práticas. As personagens principais são mulheres de fibra, que diariamente lidam com os desafios que a realidade do semi-árido baiano possui. A escassez de água, de trabalho, de educação com qualidade e de segurança alimentar, são alguns dos problemas presentes nos caminhos que todas elas percorrem com solidariedade, respeito e união.

As atividades produtivas desenvolvidas em grupos como o de D. Rita, seja de artesanato ou culinária, atualmente representam uma estratégia para a geração de trabalho e renda - que não é essa a principal necessidade da história, o que se busca, é a autonomia política, social e econômica, de fato.

Por isso, as mulheres estão organizadas na Rede de Produtoras da Bahia e no Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Região Semi-árida - articulações onde as demandas das participantes são pautadas, visando a construção de um novo contexto, de novos dias - mais justos, onde cada sujeito tenha o seu espaço e direitos garantidos.

O Movimento de Organização Comunitária, através do Projeto Mãos que Trabalham, patrocinado pela Petrobras, apóia as ações dessas mulheres, acreditando no valor e potencial de cada uma. Através da leitura você poderá conhecer mais!

Boa Leitura!

Lorena Cruz, técnica do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

Uma receita de sucesso

Moradora do Distrito de Jaíba, a trabalhadora rural Rita Nunes de Brito é casada e tem três filhos. Natural do município de Iaçu, chegou à Feira de Santana quando tinha 20 anos e desde então se dedicou a criação dos filhos e às atividades da agricultura familiar. Sua vida não seria muito diferente da de tantas outras mulheres se não fosse por um aspecto que chama a atenção: até pouco tempo atrás ela não tinha conhecimento do que era dinheiro. Mas isto ficou no passado de Rita. Aos 40 anos de idade, ela não sabe ler, mas viu sua vida mudar a cinco anos, quando surgiu o grupo de produção: Mulheres em Movimento.

Foi a partir do trabalho no grupo, que Rita passou a conhecer a segunda maior cidade da Bahia, distante apenas 12 km de sua casa. "Eu tinha uma vida muito difícil, não conhecia muita gente. Certas coisas eu nem imaginava que existiam e hoje eu já sei. Vivía apenas para a minha família, sem sair de casa. Agora vou a lugares como casa lotérica que eu nem sabia o que era", diz Rita.

Há um ano ela comprou um celular, fruto do dinheiro que recebe com a produção, e diz que ainda está aprendendo a usar. Com um sorriso tímido, conta que há pouco tempo foi ao banco na companhia de outra integrante do grupo. "O grupo para mim foi muito bom. Eu não tinha renda própria, só cuidava da casa e dos filhos. A vida começou a mudar em 2003. Um dia desses fui no banco com Miranda, a gente chegou lá e tirou dinheiro. E assim a gente vai aprendendo as coisas", revela.

Apesar de afirmar não ter mais idade para aprender a ler e escrever, a produtora a cada dia está conhecendo um mundo novo através do projeto Bocapiu de Leitura, que há um ano estimula

as produtoras para que voltem a estudar. Com a sabedoria de quem já viveu muito, ressalta que hoje ela é outra mulher e acrescenta que a família reagiu bem. Orgulhosa com a renda que ganha, ela aponta para o sofá, a mesa e estante e diz que "tudo foi eu que comprei com o meu dinheiro. O marido trabalha, mas não tem aquela vontade de ter as coisas dentro de casa. Quer dizer, ele até tem vontade, mas não pode porque o ganho dele não dá".

A união faz a força - O grupo Mulheres em Movimento surgiu da iniciativa de Patrícia Nascimento, atual coordenadora da Rede de Produtoras da Bahia. Patrícia perguntou o que cada mulher sabia fazer e então elas decidiram unir o saber de cada uma. "Quando o grupo começou, a gente não tinha matéria-prima nenhuma para fazer. Cada uma doou uma coisa, açúcar, panela, colher de pau, mamão para fazer o doce, o ralo e aí foi tudo pra frente", lembra Rita.

"O grupo começou com 40 pessoas e hoje tem apenas cinco. As mulheres foram desistindo por que em grupo o dinheiro não entra logo. Nenhuma achava que ia para frente. Mas nós acreditamos e hoje estamos aqui. O começo não foi fácil, foi preciso muita persistência. A união foi muito importante para o sucesso do grupo", diz Miranda de Azevedo. Através do Projeto Mãos que Trabalham, desenvolvido pelo Movimento de Organização Comunitária (MOC) com o patrocínio da Petrobras, o grupo participou de capacitações e intercâmbios e adquiriu todos os equipamentos necessários para aumentar e qualificar a produção, que antes era vendida apenas no Distrito. Hoje, elas produzem sequilhos, cocadas, bolos, doces e polpas de frutas

para a Cooperativa da Rede de Produtoras da Bahia e para o espaço de comercialização, localizado no centro de Feira de Santana.

O empreendimento do grupo de produção Mulheres em Movimento funciona em um espaço emprestado, mas, por pouco tempo. Em janeiro as produtoras querem iniciar a construção da sede própria, em um terreno doado pelo marido de Mirian Machado, uma das fundadoras do grupo. Mirian afirma que nos últimos meses o lucro obtido com a venda dos produtos não é dividido entre as integrantes. O dinheiro está sendo guardado para comprar material e pagar a mão-de-obra do pedreiro.

Mulheres Sonhadoras - Os grupos filiados a Rede de Produtoras da Bahia recebem assessoria da equipe técnica do MOC na área de comercialização, onde são orientados na organização da produção e na busca de novos mercados. Além disso, com o apoio da equipe de gênero aprendem como administrar todo este sucesso dentro de casa, pois, a conquista da independência financeira reflete na relação familiar.

O apoio da família é fundamental para o bom desempenho das mulheres. Miranda de Azevedo afirma que no início a família questionava o que ela estava fazendo em um grupo que não conseguia ganhar dinheiro. Já a família de Rita e Mirian sempre apoiaram o trabalho. Antes de participarem do grupo, Rita e Mirian, que são casadas, nunca haviam dormido fora de casa. Agora, é normal elas passarem três, quatro dias fora de casa, viajando para co-

nhecer as experiências de outros grupos ou trabalhando no espaço de prestação de serviço da Rede de Produtoras da Bahia, em Feira de Santana.

"O marido nunca reclamou do trabalho. Hoje eu saio, viajo e ele não fala nada. Hoje eu me sinto uma pessoa realizada", afirma Rita. Mirian acrescenta que "plantava feijão, criava galinha, porco. Depois da entrada no grupo, a renda melhorou. Após 26 anos de casada, comecei a dormir fora de casa, mas o marido dá o maior apoio, nunca reclamou. Posso dizer que minha auto-estima melhorou 100%".

"Minha vida antes do grupo era boa, mas agora está melhor. Era muito tímida, depois comecei a participar das reuniões, a viajar muito e isto foi ótimo. Mudou não apenas minha forma de viver, mas a de muitas mulheres. Já dei até entrevista para a televisão. O pessoal diz que eu fiquei famosa", orgulha-se Miranda de Azevedo.



Raio X da experiência

A Rede de Produtoras da Bahia (RPB) é uma articulação de 47 empreendimentos solidários formados exclusivamente por mulheres. Elas atuam nas áreas urbanas e rurais de 18 municípios do interior do estado: Água Fria, Araci, Capim Grosso, Conceição do Coité, Feira de Santana, Ichu, Ipirá, Queimadas, Quijingue, Retirolândia, Riachão do Jacuípe, Santa Bárbara, Santa Luz, Sátiro Dias, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente. Em 2007, criou a Cooperativa da Rede de Produtoras da Bahia (Cooprede), que visa contribuir no empoderamento político, social e econômico das mulheres.

Já o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) surgiu na Região Sisaleira em 1984 como estratégia de construção, mobilização e defesa dos direitos civis, políticos, sociais e econômicos das mulheres. Com a organização do movimento, tem crescido a discussão em torno da representação política das mulheres rurais.

